

burrel

SEMESTRAL

Dezembro 2021

Nº2

Revista da Freguesia de Touro



Casa Pública 03 / Boa Sorte 04 / Tecelagem 10, 12, 14 / Fiador 18 / Herança 22 / Tear da Memória 24, 26, 28.

Casa Pública

Alfaiates

Direção:
Mário Jorge Morgado

Burel, revista semestral, editada e produzida pela Junta de Freguesia de Touro.

Design:
Ana Cristina Fernandes / newww.pt

Número 2, Dezembro de 2021
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Fotografia:
João Morgado
Outro Olhar Fotografia

Edição Textos:
Amadeu Araújo

Impressão:
Gráfica Diário do Minho

O “rio” das Gerações, escreve Jorge Lages... e são as pessoas que fazem a Freguesia de Touro. Voltamos a essa gente, a esse trabalho, neste número 2 da nossa Burel. Recordamos vidas, olhamos sustentos, perspetivamos riquezas.

Granito, pedra, pedreiros e calceteiros. Uma segunda pedra, em nome do granito e das suas potencialidades.

O Touro é terra de aforamentos rochosos, ladeados por veigas e lameiros, e pelo imponente relevo da serra da Nave, onde está a Lage Branca. O património é um dos nossos maiores ativos, que queremos respeitar, promover e desenvolver.

O granito é um recurso natural endógeno, de grande, grande relevância no processo de desenvolvimento sustentável que procuramos para a nossa Freguesia.

Nestes últimos seis meses cuidámos dele, com a Rota do Caldeirão, com a criação do Núcleo de Proteção Civil, com caminhos e estradões, com melhoramentos e investimentos.

Mas uma terra precisa de economia e de encontrar estratégias para a sua valorização e conservação. Resistindo, verbo que repito, às adversidades e procurando o mais, o sinal, a pedra, o penedo, a laje, o cubo, o martelo.

Empregos, artes, mestres do labor, da alvenaria e da cantaria.

Não podemos viver fechados sobre nós próprios. Precisamos deitar mão dos nossos recursos, responsabilidade no seu uso, promover uma Freguesia de pessoas empreendedoras, com empresários e empresas de sucesso, com cultura, com história e paisagens que precisam de se abrir e dar a conhecer. Projetar as nossas potencialidades naturais e humanas, captar investimento.

Orgulho em todos os que projetam o nome do Touro, mas quem esquece os mais velhos, apaga a

sua memória e, por isso, nunca podemos esquecer os idosos, aqueles que nos deram o carinho, partilharam experiências e trabalharam para chegarmos até aqui.

Aqueles que construíram a Freguesia, a sede da Junta, os que emigraram e chamaram outros, que trouxeram riqueza que nos ajuda a promover a qualidade de vida. Assim a dinamização económica e atracão de investimento serão catalisadores desta comunidade, olhando aos valores ambientais, de sustentabilidade, da história. E isso passa por privilegiar a cultura como parte integrante da política social e da política de educação.

Serão pedras hoje, amanhã o fumeiro, a pecuária, a floresta, recursos como instrumento ao serviço do desenvolvimento económico, particularmente do turismo.

Nas crónicas da Serra da Nave, Aquilino Ribeiro descreve as nossas gentes como “orgulhosas e batalhadoras”. É esse pulsar de vida que procuramos dar a conhecer neste segundo número.

De martelo, cinzel e cunha. De prumo. A materializar sonhos, erguendo projetos, muros e casas, pátios e largos.

Cuidar e desenvolver uma comunidade é também evocar os seus, preservar modos e vidas. E afirmar a sua identidade.

Eu respeito a nossa terra.

Mário Jorge Morgado

Uma mão cheia de pedra!

Texto: Amadeu Araújo

Entrar numa das casas das Cortes é encontrar o granito, a penedia, as lajes, as histórias e as interrogações. A surpresa do espanto, perante a singeleza das pedras simples.

As cortes são nome de abrigo, de casa, de construção, alvenaria. Blocos de granito cinzento, amarelo, encavalitados, apumados, seguros. Seriam, interrogo-me ainda hoje sobre a sua pertença. Corte é nome antigo, de quando os pastores erguiam construções para as andanças do gado, um cerco às terras.

Mostram-nos como a pedra, o granito, são labor de homens bons, preocupados com a ecologia, o aproveitamento do que a natureza oferece e generosos, na previdência do gado.

Os pastores já não edificam e hoje resiste uma mão cheia de pedreiros no Touro. Artesãos, cantoneiros, mestres, alveneiros, calceteiros. Mas a pedra é um recurso. Um recurso de granito. Como as cortes, as lapas e esse alforge, a Laje Branca. Rochas brandas, duras, cavadas, erodidas pelos rios e intempéries. Geologia antiga, como as lapas ou furnas, as orcas e as antas. Em comum o granito, abundante na Nave, penedos que alinham de avanço, aqui e ali, paredinhas de pedras soltas, uma porta, meia abertura, rebordos e torrões. A pedra é uma arte, para abrigo, casas, largos, ruas e calçadas.

Cá temos os dólmenes, protetores de vento e chuva, de sol e calina.

Mário, o pedreiro

Os nossos mestres pedreiros ocupam um lugar de nicho, um talude de cantoneiros, constroem e edificam ombreiras e padieiras de pedra, cercas de pedra, passeios. E nas cortes penso no arbitrário dos enormes blocos, das lanchas, a sobreposição, lascas de pedras, laje posta a prumo, ao alto, pousadas. Pedra solta como a que Mário José Coutinho trabalha. Uma vida de 58 anos, dois filhos e mãos de artista.

Homem da Nave, das serras mais generosas da Beira. Água, pinheiros e granito. Penedos, por entre rios e ribeiros, cascatas que abrem a montanha, pejada de lajes de granito, que servem de chão, calçada, muros, paredes e telhado.

Boa Sorte

Esta é a vida de Mário José Coutinho, com 'oficina' no Touro, onde corta as pedras que traz da Laje Branca, um trabalho manual nas enormes placas, que descem a serra de trator. Pedras quebradas pelo frio, fragmentadas por anos de infiltração de água na rocha. Uma partição de enormes fragmentos. Morfologia com milhares de anos.

O granito de Mário José Coutinho vem da Laje Branca, a 1200 metros de altitude, na serra da Nave.

Grandes lajes de cantaria de granito acumulam-se nesta oficina, lanchas, "cortadas a serra e machado, a água sempre a correr". Noutras ocasiões é em Adomingueiros que as pedras se encontram. Pedras de esquadria moderada, granito rijo, para calçadas e muros. "Perpianho, assim se chamam estes blocos de granito, a fiada colocada e ajustada, à marreta e ao pico", conta Mário José, de olho na pedra e mãos na serra. O trabalho deste pedreiro é "aparelhar o tição, parede de uma vez".

Pedras secas, em que se dispensa argamassa, que vai cortando a pensar na próxima obra. Muros e caminhos, largos e chão de quinta. Caminhos de casa, jardins, cantos e recantos.

A singeleza das pedras, dispostas por camadas e estabilizadas apenas pelo seu próprio peso. Mas, anota Mário José, "é preciso cuidado no encaixo, às vezes são compostas com escassilhos, as pequenas pedras que sobram dos cortes e que uniformizam o trabalho". Trabalho para muros e paredes exteriores, fundações. Robusto e firme.

Pedras "naturais, sem qualquer tratamento", conta o pedreiro, com orgulho na obra feita. Alvenaria, pela prodigalidade da serra, uma Nave com "abundância e tradição de utilização da pedra". Resistência e estética, mãos dadas como as que dão forma às lajes, tornando o granito um sustento. "Uma boa pedra de construção", que chega sob a forma de grandes blocos ou calhaus, "preparada e talhada por forma a serem-lhe dadas as dimensões apropriadas".

Pedra com segredos: "rija, de bom leito, sem fendas e isenta". Depois é "bujardar, segurar os blocos, pedra sobre pedra". E clientes? "Tivesse mais tempo e mais braços", desabafa o pedreiro, por entre o barulho constante da serra, algum pó e a beleza da serra da Nave na esquadria.

O orgulho de Mário José é a casa, nos Pousados. Aproveitou as casas velhas, revestiu o exterior de pedra e o interior de tijolo. Trabalho para a família,

“Uma riqueza”, porém, “trabalho duro, suado”

para os clientes, pago ao dia e ao metro quadrado, entre “70 a 150 euros”. Depende da pedra. E da arte. A arte é “escolher a pedra, colocar as maiores na base, com travacção e capeamento”. Depois é desencontrar as juntas, preencher o interior. Mas pedras maiores “também podem dar bons travamentos, ou até cunhais”, explica.

Afinal, pedreiro, mais que um operário, é mestre cuja arte tem vindo a ser transmitida ao longo de muitas gerações. Na ferramenta há serras, ponteiros e cunhas. Aqui não há martelos mecânicos, as mãos calejadas demonstram o vigor do trabalho. “O pedreiro escolhe a pedra que melhor se adapta ao espaço que dispõe, lavrando com ferramenta”. Trabalho de mãos, granito vindo do corte bruto da pedra.

“Uma riqueza”, porém, “trabalho duro, suado”, remata o pedreiro.

Quinas arredondadas, duplas, grandes blocos de granito, ora de cutelo, ao viés, outros deitados, todos encastelados. Cãpeas por cima do espesso dos muros, pedras, amontoadas, grosseiras, toscas, encasteladas.

Um dia decifraremos as cortes, mas é difícil não lobrigar a importância do granito na Freguesia, um cutelo, uma branda de tempos antigos, que chegou até hoje, como a pedra que desce a serra

A laja branca, da calçada e da casa, por entre pastos verdes e pedaços enormes de rochas de granito, vindas do Planalto da Nave, a Leste, lá onde estão esses retalhos, que não reclamam trotil nem estopa, nem perfuração ou sopro. Pedra agreste, adocicada pelas mãos ágeis dos nossos pedreiros, escolhida do Vouga ao Paiva, com o Covo de permeio.





Agostinho, o calceteiro

Contrafortes e anteparos, uma paisagem cunhada a pedra. Um enrugamento, dizem os especialistas, reduzidos pela erosão dos corgos, essa água que lavra a penedia, os valeiros e ao cimo, a Laje Branca, altitude franca, relevos sinuosos. Ma crista de granito, dureza e dificuldade, imaginação, sonho e engenho. Esculpidos no granito, fino e médio. Grosseiro se as palavras se romperem com o cinzel e o martelo do calceteiro. Um olho, uma leve pesagem na mão, um quilo de cubo e encaixa e anda.

Agostinho Sousa, 50 anos e 2 filhos, sabe bem que vida de calceteiro é “o trabalho a roubar as costas”

Ajoelhados na calçada e armados com martelo, os calceteiros foram os encarregados gerais, desse caminho de pedras, que desbrava a Freguesia e a região.

Um calceteiro que também sabe restaurar pedra antiga, travessas, pega no martelo com a direita e a mão esquerda ajeta-o, enquanto o olho assinala a pancada certa.

Agostinho é também um recuperador de casas, de paredes justas e vigas de permeio. Vida de ganho, ao metro quadrado, 50 a 90 euros. Mãos, pedra e saber.

Agostinho andou por Lisboa, 15 anos, a trabalhar na MB Pereira da Costa, antes de regressar ao Touro. Foi à Suíça “fazer um contrato”, mas o sorriso franco desmancha a pedra.

A olho, encaixa os cubos, um passeio por 20 euros cada metro quadrado, trabalho e pedra. Cada cubo a um quilograma, entalados com grão de arroz, grãos grosseiros.

Uma geologia rica e explorável, para a construção, para o turismo, historiadores, estudiosos e curiosos. “É um homem só que tem de fazer tudo”. Caminho a fazer que nisto da pedra, “quando se exige uma calçada bem colocada, é preciso astúcia e sagacidade, engenho e perícia. Sim, não basta estar a olhar para a pedra. Mesmo que os olhos raramente se levantem do chão. Pedras levantadas ninguém as quer, é preciso saber assentar.

É isso que me mostram as cortes e estes artesãos, uma valorização de ofício antigo, pago a preços exorbitantes lá por fora, um regresso cá dentro. Uma certificação do granito, um dia, uma qualificação dos pedreiros, um orgulho e um labor. No Touro quem mexe na calçada é habilitado, quem ergue paredes é mestre.

É talvez vê-los trabalhar chame turistas, que observar trabalho duro não cansa, mas cada pedra conta um segredo,

Pedreiro, calceteiro, o que se quiser pela destreza das mãos, hábeis e sábias, profissão antiga, com escol no Touro, valorizada pela modernidade, que busca nas pedras a perícia de tempos imemoriáveis, em que os carros de bois, chiavam nas sendas da Nave.

Arte, negócio e futuro

Pedreiro é um artista que aproveita um recurso, é criatividade, imaginação, ciência, determinação e enumeração. Não é trabalho fácil, de costas ao alto, antes vergado à responsabilidade de quem sobrepõe pedras, assenta blocos, uso do granito, novo, restaurado, reutilizado.

Em Portugal, existem menos de 20 calceteiros em todo o país. No Touro temos uma mão cheia deles, profissionais da pedra, construtor de estruturas, cortador e moldador de rochas, geometria e geografia, de quem vai ao burgau, às fragas, ao rocado e à safara. Colher lajes, lanchas, nas penhas e penhascos.

Fazedor de muros e edifícios distintos, arquitectura, design, e destreza manual. Saber. Estética. Funcionalidade. E no manancial os granitos hercínios, retomo a geologia do Planalto da Nave, alcalinos de duas micas e porfíroides. Traduzo a tecnicidade, jovens e discordantes, antigos e concordantes. Mas não fujo à sageza e encaixo o tear no burel, dizem s estudiosos que “a série mais jovem é constituída por verdadeiros granitos”. Mas que não se desleixem os antigos, esses, os dos depósitos dos aluviais dos rios, quem caminha para Noroeste do Touro.

Todos eles, os granitos, pedras para aparelhar, tufos, pedra para ver e burilar. Para brunir, até para essa “pia de pilar milhos”. É ir pela Cerdeira e botar olho nos lintéis.

E somar. Em Portugal, o setor das rochas ornamentais é o segundo em valor acrescentado bruto per capita, ocupa 18 mil empregos diretos, sobretudo no Interior do país. Nestas nossas Terras do Demo. E há esse stone.pt, a marca da Pedra Natural Portuguesa, caminho a que poderemos fazer. Temos a sofisticação, a credibilidade e a arte dos nossos profissionais. Tudo no cumprimento dos requisitos ambientais, sabendo-se como a pedra natural portuguesa tem grande aceitação nos mercados internacionais. Pedra como o nosso granito, da Laje Branca. Um património e uma identidade. As cortes aí estão, permanecendo vivas e visitáveis. Os artistas também, o granito permanece. Caminhos, calçados a pedra que nos grava esse sentimento de pertença. Um contraforte. Um poderoso contraforte. Uma Laje Branca.



A família Lacerda

Texto: Padre José Justino Lopes

O grande portão de ferro que dá entrada para o salão paroquial e que, também, serve de sala funerária, tem o monograma, F.L. que são as iniciais de Ferreira de Lacerda. O Dr. Fonseca da Gama natural de Alhais e Deão da Sé de Lamego, no livro “Terras do Alto Paiva”, pag. 232, diz: “Do Touro é essa dinastia de talentos, homens de ciência e artistas, os Ferreiras de Lacerda, que ainda hoje, têm representantes nas Universidades do Porto e Coimbra”.

O nome Lacerda

O nome Lacerda teve a sua origem em 1255 quando o primeiro filho legítimo do autor do livro “Cantigas de Santa Maria”, o sábio Afonso X, rei de Castela e de Aragão e de sua esposa, dona Violante de Aragão, nasceu com um tufo de pelos duros e grossos – cerda - no peito. E ficou logo crismado com o nome Fernando de la Cerda. Este morreu aos 20 anos mas deixou dois filhos que deram tronco ao nome: Afonso de la Cerda e Fernando de la Cerda.

O nome Lacerda, entrou em Portugal com o casamento dum familiar de D. Nuno Álvares Pereira, o Condestável do Reino, e foi-se ramificando, abundantemente, pelo mundo de língua portuguesa.

Os lacerdas do Touro

Encontramos o sangue dos Lacerda a correr nas veias das gentes do Touro, nos princípios do século XVIII. Do casamento de Manuel António com Joaquina de Lacerda nascem entre outros, Marcelina de Lacerda e Antónia de Lacerda que originaram dois troncos:

- A Antónia de Lacerda casou com o capitão-mor, José Mathias Ferreira e Silva. Tiveram entre outros filhos, o advogado, Dr. José Ferreira de Lacerda que veio a casar com Dona Cândida Soeiro de Almeida e Castro e a dona Libânia Ferreira de Lacerda, casada com António da Siva Machado, sepultados no cemitério. É o tronco dos Ferreira de Lacerda.

- A Marcelina de Lacerda casada com Manuel Pereira deu origem ao tronco:

- Os Pereira de Lacerda tinham casa na rua Central do lado esquerdo de quem sobe uma dúzia de metros do cruzamento com a rua da Encosta, antigo largo do Cruzeiro. Esta família foi-se ramificando em famílias de agricultores, artistas, licenciados, clérigos, etc. Muitos emigraram e muitos, por cá, ficaram cruzando com outras raízes tornando este rincão mais variado, mais numeroso e culturalmente, mais rico.

Desta família “Pereira de Lacerda” lembro o P. Jorge Lages, licenciado em Psicopedagogia, grande jornalista e poeta. Foi pároco em várias paróquias da Diocese, promoveu a construção da nova Igreja de Arcozelos e morreu a 10 de Janeiro de 2005.

E também o D. Alberto Cosme do Amaral, bispo de Leiria-Fátima, grande místico e um grande santo. Faleceu a 7 de Outubro de 2005 e o seu corpo repousa embutido no lado direito da Capela-Mor do Santuário de Nossa Senhora de Fátima.

- Os “Ferreira de Lacerda”, moravam nas casas que são a atual residência e salão paroquial, daí o seu monograma no dito portão de ferro junto ao Senhor do Amparo. Os últimos Ferreira de Lacerda a morarem lá, foram o Dr. José Ferreira de Lacerda e sua esposa, dona Cândida Soeiro de Almeida e Castro com seus filhos, Dr. Aarão e Dr. Armando Soeiro Moreira de Lacerda que, sendo professores universitários, se fixaram, definitivamente, no Porto.



Fizeram mal trocar o nome “Rua do Porto”- homenagem aos sábios Ferreira de Lacerda que ali moraram - por Rua Cónego Alfredo Martins. Davam o nome do Cónego Alfredo à Rua Central que bem merece o nome na maior rua da freguesia. As casas foram compradas à dona Josefina (o Povo do Touro pronunciava de Jerofina) e seus filhos, na década de vinte, pelo pároco de então, Cónego Alfredo Ferreira de Moraes Martins que, por sua morte e de sua irmã, Maria Ludovina Ferreira Meses, legou para residência paroquial.

Dizem que a família Ferreira de Lacerda, nas lutas das freguesias pela sede do concelho, se bateu pelo Touro construindo o edifício para a Câmara

que é o atual salão paroquial. A família Sá Marques de Barreiras levou a melhor apesar de ter, também contra si, a família Guerra de Fráguas.

“No cemitério existia um recanto, atualmente inserido no mesmo, com um mausoléu onde estão registados alguns nomes da dinastia dos Ferreiras de Lacerda: dona Margarida de Lacerda e suas filhas Luiza Ferreira de Lacerda e Maria Ferreira de Lacerda (1904) e dona Libânia Ferreira de Lacerda e seu esposo, António da Siva Machado” (Luz da Montanha, Agosto de 1994). Quem sempre se responsabilizou pelo recanto do cemitério, foi o dr. Armando Soeiro Moreira de Lacerda que, há poucos anos, cedeu o canteiro à freguesia.

Arte megalítica da Freguesia do Touro

Texto: Professor Alfredo Pereira

É conhecida a riqueza das jazidas arqueológicas do concelho de Vila Nova de Paiva, sobretudo os monumentos megalíticos da região, uns mais conhecidos do que outros.

A palavra “megalitos” é de origem grega e significa: mega-grande e litos-pedra portanto, segundo a origem da própria palavra são monumentos feitos de pedras grandes.

Destes monumentos, os mais antigos que se conhecem são os menires e depois os alinhamentos ou cromeleques e, só mais tarde lá para finais do neolítico é que surgiram os Dólmenes ou Antas. Dos dois primeiros não existem quaisquer vestígios

na freguesia do Touro, já das Antas há pelo menos duas muito conhecidas a de Merouços, no Viduinho e outra junto à estrada entre a Cerdeira e a Póvoa, que se encontra praticamente destruída.

A Anta da Póvoa teve a câmara central intacta durante muito tempo, mas não sei como se encontra actualmente. Esta Anta foi investigada pelo doutor José Leite Vasconcelos, fundador do Museu Nacional de Arqueologia e, pela arqueóloga alemã Vera Leisner, que se encarregaram de levar todo o espólio encontrado para o Museu Nacional de Arqueologia em Lisboa.

A Anta de Merouços, no Viduinho, foi objecto de

uma investigação mais recente por um grupo de estudantes da Universidade de Coimbra, orientados pelo arqueólogo e professor universitário Domingos Cruz. É um monumento de corredor virado a nascente, como é normal, de planta ovalada e mais ou menos bem conservada.

Este último arqueólogo referiu-me em conversa privada, que há provavelmente à volta do Viduinho mais antas soterradas que valia a pena investigar.

É pena que o arqueólogo Domingos Cruz e os seus estudantes tenham abandonado as escavações em Vila Nova de Paiva, talvez porque a Câmara Municipal tenha abandonado a parceria com a

universidade de Coimbra e deixado de apoiar estas escavações.

Os dólmenes ou Antas, também designados por Orcas ou Casa da Moira, em linguagem popular, são monumentos funerários onde enterravam os mortos com os seus objectos de adorno e alguns utensílios, o que poderá significar que já acreditavam noutra vida para além da morte.

Lamento profundamente que depois deste período, a Câmara Municipal de Vila Nova de Paiva, nada tenha feito de relevante em defesa do património histórico-cultural.

Os dólmenes ou Antas, também designados por Orcas ou Casa da Moira, em linguagem popular, são monumentos funerários onde enterravam os mortos com os seus objectos de adorno e alguns utensílios



“Casa onde caibas, terrenos que não saibas.”



Texto: Alfredo Lacerda Ângelo

Passámos à porta duma das figuras mais típicas da aldeia. De prosa fácil, ou não fosse ele barbeiro, franqueou-nos a entrada, mostrou-nos a casa, permitiu-nos fotografias e falou-nos das casas “do seu tempo”: eram casas pequenas, de granito, térreas ou de dois pisos com as lojas dos animais no primeiro e a habitação no segundo.

O acesso ao segundo piso fazia-se normalmente por escadas exteriores com um “patim” na direção da porta de entrada, que por vezes se prolongava em varanda coberta e com grades de madeira. A cobertura era de colmo ou de telha-vã simples de calcário. Muitas das cozinhas eram de balcão: as lajes de pedra sobre as quais se acendia o “lume” ficavam num nível inferior ao do soalho, formando este uma bancada onde a família se reunia à volta da fogueira. A pilheira era um elemento imprescindível em qualquer cozinha. Muitas cozinhas, entre a pilheira e o telhado, dispunham ainda doutro elemento importante para secar as castanhas ou pendurar o fumeiro: o caniço. Não havia chaminé e por isso a entrada, além da porta que estava sempre aberta, tinha uma meia porta para permitir a saída do fumo e impedir a entrada de animais. As divisões, quando existiam, eram feitas com taipais de pinho e, nas casas dos mais abastados, eram de “tabique”, paredes feitas com ripas de pinho entrecruzadas e cobertas com uma mistura de palha e barro.

À volta da povoação, aproveitavam-se os grandes fragedos, as “lajas”, para fazer as “eiras” onde se secava o milho e onde se malhava o milho e o centeio. Aí se construía os canastros, para guardar as espigas de milho, e os palhais para guardar o feno e a palha para os animais. Quando não cabia tudo lá dentro, a palha amontoava-se em “palheiros” ao ar livre.

Falou-nos também de muitos dos ancestrais hábitos comunitários: a utilização comum do forno, a partilha das águas de rega e dos moinhos, o usufruto dos baldios, a disponibilidade de tempo e de trabalho para as beneficiações de interesse comum, a “troca” nos trabalhos que exigiam grande número de braços: a segada, a malhada, a escanada...; os serões; as saídas noturnas vedadas aos menores e o imediato “Cheira a chamusco!!!”, se algum se aventurava; o pagamento da cabrita

quando um estranho escolhia noiva entre as moças da aldeia; o convívio dos homens na “venda”, jogando o pino, as cartas ou simplesmente regando a conversa com um copo ou um bagaço; os bailes ao som do realejo; as tardes das mulheres ao soalheiro, fiando, remendando ou fazendo meia nos linhares, enquanto a criançada jogava ao “tiroliro”, ao pião ou ao “butes” com as bugalhas dos carvalhos; o enterro do entrudo em que, com ou sem perneiras, mascarados ou não, todos em uníssono faziam subir mais alto do que a chama das lumieiras o “adeus, rico irmão!”, num misto de práticas religiosas e pagãs.

A conversa com um passante, quando da visita ao dólmen da Póvoa, tinha-se dirigido para a idade e a razão de ser daquele tipo de monumentos: o culto dos mortos no período do eneolítico. Pudemos aperceber-nos dum certo receio do desconhecido e do profundo sentimento religioso do nosso interlocutor e sobretudo do seu grande respeito pelos mortos.

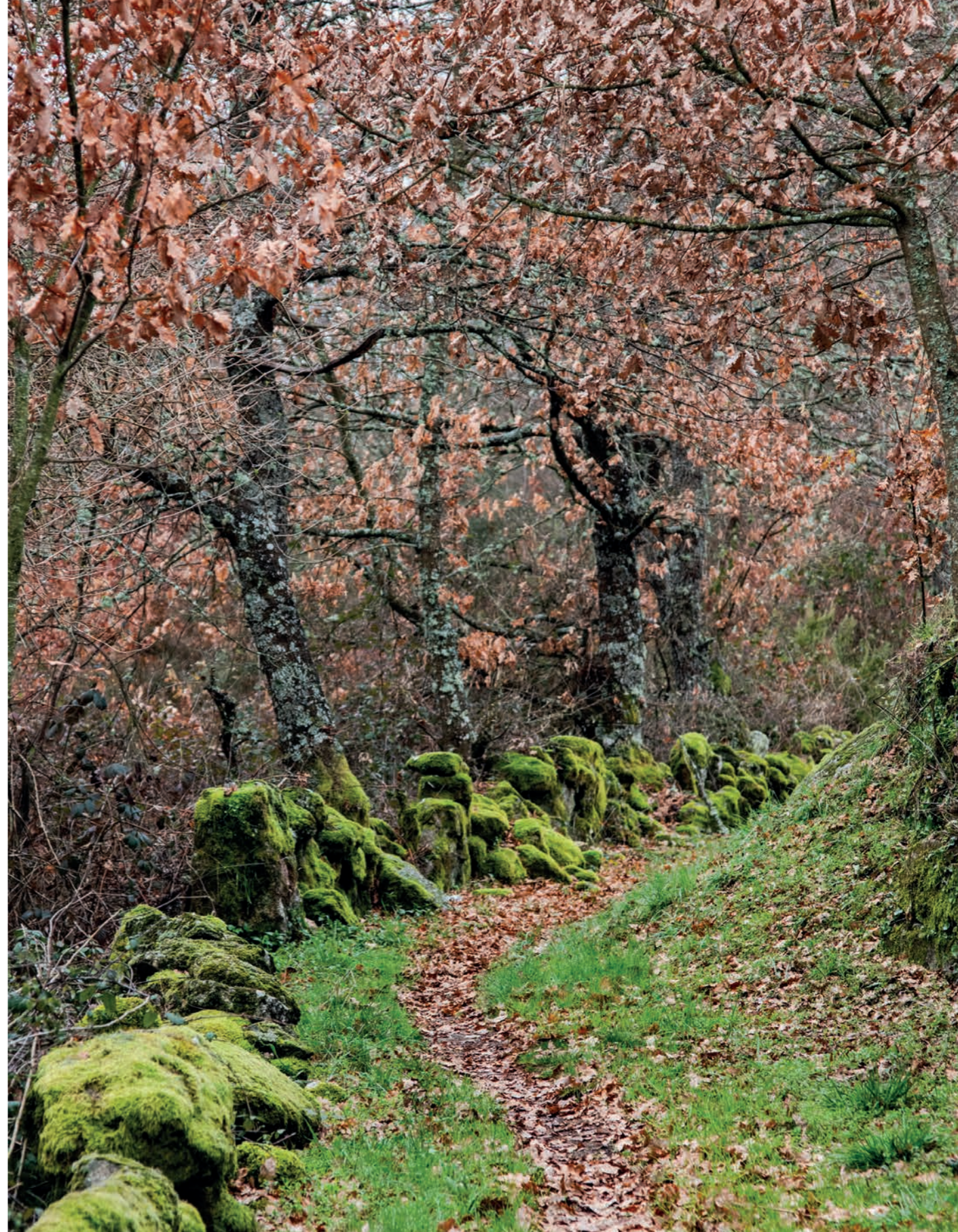
É assim o serrano. Acredita na vida para lá da morte. Sempre que refere o nome de um falecido, acrescenta, tirando o chapéu: “... Deus lhe perdoe” ou “...que Deus tem”. Diz que as encruzilhadas dos caminhos estão sujeitas à influência maléfica dos espíritos. Por isso, coloca lá “alminhas” para que as almas penadas não atormentem os transeuntes e para que estes se lembrem de rezar por elas. Às alminhas, atribui também o poder de afastar os lobisomens, cavalos com cabeça de homem, as feiticeiras e toda a espécie de forças maléficas. É católico praticante, mas, junto com a cruz que pendente do fio, traz o corno e a figa para afastar o mau olhado. Vai à missa; findo o dia de trabalho, reza o terço em família; dá graças depois das refeições; reza ao toque das ave-marias, das trindades, das almas. Nas procissões e funerais, não há espectadores: os homens tomam lugar à frente em duas filas ordenadas, as mulheres vão atrás “ao monte”.

Espalha capelas e cruzeiros pela povoação. Constrói ermidas no cimo dos montes. Põe velas aos santos e ao mesmo tempo corre para a bruxa com a fotografia ou a peça de roupa interior na mão.

Na quaresma jejua, reza compungido, mortifica-se, mas, na terça-feira de entrudo que a precedeu, deliciou-se nos prazeres da carne e em práticas pagãs que remontam talvez aos seus antepassados pré-históricos.

Apetece-nos perguntar como Aquilino Ribeiro, que tão bem soube retratar a alma do homem da Nave: “...Que espécie de bicho é o serrano?”

Pelas aldeias, os sinos saltam na noite fria a sua quente tarantela. Das igrejas, através da galilé, laivada da luz dos círios, manam buliçosos trenos (...) Vão chegando os fiéis, barbela gordurosa, que a dona da casa fora à horta e cortara a couve troncha, que há muito trazia de olho; cozera o melhor bacalhau; fritara abundante filhós: consoada. Por este condão para o reconforto e lenitivo se compreende a imarcescível vitalidade do Natal. E é assim que ano após ano, como um fenómeno dir-se-ia intrínseco e não abstrato à ciclicidade astronómica, floresce nas almas sempre loução e perfumado.



É historiador, museólogo e, permita, antropólogo. Que podemos ver de diferente no Touro, encravado no sopé da Nave, terra de granitos, rios e contrastes?



Alberto Correia

“Uma política de modernidade que intenta interpretar e fruir a lição de uma paisagem que é retrato da comunidade”

A freguesia de Touro, integrada nas “Terras do Alto Paiva” (designação de Fonseca da Gama / 1940), tem como madre a Serra da Nave com as manchas arenosas onde o centeio garantiu durante séculos o pão, as penedias que assombravam de medos a paisagem e que se tornaram, rasgadas a pico, muros de habitação e cortes de gado, paredes guia de caminhos, impressionantes linhas de lajes divisórias de propriedades, eiras, covis de lobos, luras de lebres e coelhos. Das escoadas águas da Serra tem nascente o rio que se chamou Touro (séc. XVIII) e agora se chama Covo, que ainda lima lameiros, que ainda mata a sede das hortas e do milharal, é motor de moinhos e hoje poético e fresco espaço de lazer. Aberta aos ventos, a dobra da Serra, tornou-se geradora de uma energia nova através das “torres eólicas”. E tradições, Rico Irmão, segada, forno comunitário, a rota pelo Covo, que mais o alegra e surpreende?

A vida de uma comunidade, ao longo de séculos, deixa um rasto que se reencontra nas tradições que persistem nas leis / costumes do trabalho agrícola de que são exemplo as típicas divisórias da propriedade feita com lajes findas, a segada ou ceifa do centeio e a desfolhada do milho, na vida pastoril

e nas muitas sociabilidades que se vivenciam e partilham – namoro ou casamento, vivências festivas como a Páscoa ou o Natal. As partilhas da água também, o recurso aos moinhos, a feitura do pão com a partilha do forno comunitário. Surpreendente a manutenção da pura tradição entrudisca do “ Julgamento do Rico Irmão”, na noite de Terça-Feira Gorda a que agora se associa, por contágio, o curioso “Casamento de Compadres e Comadres” que ocorria em tempo antes.

Integraria a “Rota do Covo” numa política de modernidade que intenta por essa via interpretar e fruir a lição de uma paisagem que é retrato, sem dúvida, da comunidade.

Como é que a sua história, vê esta Freguesia?

A História do Touro constrói-se através dos diversificados documentos que persistem e o espaço geográfico composto de serra e vale é pertinente que se considere, porque definidor. Depois são os documentos materiais e aqui encontramos os poderosos testemunhos arqueológicos, os mais antigos monumentos sepulcrais como a Orca de Merouços que vai até além dos 5 000 anos, a Anta do Viduinho e outras ainda. De uma Alta Idade



Fiador

Média, de um tempo situado entre os séculos VI e X vem essa notável necrópole de S. Martinho de Almonexe, singular conjunto de sepulturas cavadas em rocha volante que evocam uma religiosidade paleocristã.

Há depois a documentação escrita dos Arquivos, como aquela que associa o Touro à Ordem de Malta cujo Comendador nomeava o Vigário ou ao Mosteiro de S. João de Tarouca que ali manteria tulha (Cerdeira). Inquirições de Afonso III, Corografias como a de Pinho Leal ou as Memórias Paroquiais de 1758 que já atribuem uma população de 800 habitantes à paróquia são ilustrativas. E há sempre o olhar sobre as coisas e a voz dos antigos. E a literatura oral dos cantares, das orações populares, do adagiário, do imaginário contido nas lendas e narrações...

Sendo uma freguesia diferente, mais moderna, soube preservar hábitos e costumes, até uma certa ancestralidade?

Notável esta singularidade. Aquela “cruz de caminhos” que derivou nos arruamentos principais define o típico povoamento que não se alterou, pelo menos até à 2.ª metade do séc. XX quando a emigração começa a proporcionar novos habitats nas margens da povoação, nem sempre ajustados.

Já se referiram os velhos costumes ou tradições mantidas com vigor. Merecendo testemunhar também a persistência de uma típica arquitectura, particularmente a das velhas casas de lavoura com seus poderosos pórticos graníticos, pátio interior, balcão e varanda de pesados silhares e as boas paredes de granito. Reflexo das velhas coberturas em colmo, fruto da abundância da palha de centeio, são as fiadas de lajes que ainda bordejam, no alto, os muros da habitação.

Estes lugares de passagem diária, ritmos que mudam com as estações e com o quotidiano, mantêm a sua identidade?

Apesar das alterações ocasionadas por novos modelos de vida que se implantam, sociabilidades novas, modelos construtivos diferentes, há a persistência forte da paisagem, o rio aproveitado, os marginais campos de cultivo ainda operados, o granítico cerne do povoado como marca.

Como podemos usar essa memória para mostrar uma terra quase intocável, idílica e até, de certa forma, bucólica?

A Rota do Covo, que se inicia no espaço construído pode fazer apelo para tal. Essa rota ou o olhar atento sobre as abas da Serra da Nave, o caminho para a Cerdeira com suas penedias, o caminho de Adomingueiros que o Malhadinhas atravessou com sua prima Brizida (in Aquilino Ribeiro, O Malhadinhas), a arqueologia dos moinhos, os hortejos persistentes... mantêm uma deliciosa atmosfera romântica. A Escola terá um forte papel a desempenhar. O governo autárquico também. E o quadro associativo, o seu empenhado trabalho não será dispiciendo.

Podemos conseguir ver um significado neste território, transformando ideias e alterando visões que se têm destas terras, tendo como premissa o legado cultural?

Importante, me parece, é manter o lastro cultural. A memória. Mas não se ficará por aí porque os tempos são novos. A Escola, a educação, o retorno temporário do emigrante, a política autárquica, as novas tecnologias devem gerar uma visão nova sobre o espaço e a vida que aí se desenrola. Tem de haver um comprometimento saudável.

O Touro está a receber vários investimentos. Um privado, com a criação de 20 postos de trabalho na área da agroindústria, outro de um consórcio ligado à energia solar, tem ainda as eólicas e a produção florestal. Depois há o setor agroalimentar, de pequena produção e características endógenas. Este é um dos caminhos, possíveis, para a afirmação destes territórios de baixa densidade?

Fixação de gente, de gente nova e empreendedora, retorno de emigrantes empenhados, por mais difícil que seja, novos focos económicos – a pedra, o fumeiro (a Feira), as novas energias, o aproveitamento turístico da paisagem (Rotas), dos monumentos (Antas, campo de Almonexe), tradições, como a do Rico Irmão que deve vivificar-se, preparar-se com tempo, divulgar-se ... são exemplo de apelos a levar a efeito para construir, com sólidas raízes, um tempo novo.



Há ainda investimentos, de pequena monta, mas sobretudo importantes, na valorização do turismo de natureza, na reabilitação do casario e na construção, este em projeto, dos Caminhos da Lapa. Conjugar estas vertentes, atraindo novos habitantes, turistas e alguns investidores, poderemos, de alguma forma, tornar o Touro numa aldeia charneira das Terras do Demo, devido à localização e à produção agrícola: vinha, maçã e batata, da região?

Complementado o que atrás se disse deve vivificar-se a aldeia. A reabilitação do casario deve cuidar-se. Atrás se chamou a atenção para a típica arquitectura. Porque não tomar uma dessas casas, não para fazer mais um museu, mas um Centro de Interpretação que guarde a memória do Rico Irmão, que seja Arquivo dos Testamentos anualmente construídos e até de outras memórias. A revalorização da gastronomia típica, do fumeiro, do pão... serão atractivo bastante.

Há um outro filão, o da pedra, granito usado

em lajes, passeios e, mais recentemente, no re-vestimento de casas. São empresários novos, que exploram, de forma sustentável, um recurso da região. Esta fileira, poderá trazer valor acrescentado à Freguesia?

Há uma matéria-prima quase infindável. Importa convergir no mercado.

E todas estas vertentes, conjugadas, permitirão afirmar o Touro como uma freguesia ecológica, com empregos e atividade económica sustentável? Manter aqui as pessoas, no seu lugar, sem o desfeitear?

Tem de haver essa vontade. O poder político tem de ser responsabilizado pelo poder autárquico. O habitante local deve ser chamado a um esforço, que lhe tem de ser compensado. Demora tempo. Mas existe ainda muita gente, entusiasmos que devem reforçar-se, carrear projectos novos. O que persistiu é garantia eficaz dessa reinvenção da aldeia onde sua identidade persistirá como exemplo. Os meus votos.

À Ponte da Lavandeira

Jorge P. Lages in "Rimas de Outrora", edição de 1995

Ó Ponte da Lavandeira
Toda feita de granito,
Cortado lá na pedreira
Do penedo mais bonito!...

Quem seria a lavadeira
Que te deu o nome em graça?
Por certo, Ninfa Brejeira
Escondida entre a labação...

És o Arco do Triunfo
Do meu rio bem-amado
- Tão belo como o arco-íris
Em tempestade formado...

No desvão de teus pilares
Fazem ninho as andorinhas,
De preto e branco vestidas
Parecem lindas freirinhas...

À sombra de teus olhais
Desovam trutas esquivas...
- Que boas quando na mesa!...
Que lindas quando estão vivas!...

Em tuas guardas sentados
Vi jovens a namorar
Que em noites quentes de Verão
Trocam beijos ao luar...

Um dia por água abaixo
Grande cheia te levou...
- Nós chorámos - Que ironia!...
E o caudal de água aumentou...

Em ti Nascente e Poente
Se abraçam em união
- Prouvera que os Homens de hoje
Aprendessem a lição...

Para que a "Ponte do Amor"
Una Almas e corações
E que o Mal nunca polua
O "rio" das Gerações...

“Levei mais de 40 mulheres para trabalhar na Alemanha”

**Clara Ferreira da Costa,
85 anos, 9 filhos, 18 netos**

Encostada à porta de casa, as memórias de Clara Ferreira da Costa saem soltas na rua Central, de Touro, por entre o granito das pedras.

Clara não esconde o sorriso. “Entretida no preparo da casa para o frio que haverá de vir”, desfia uma vida dura.

“Fui muito criticada, mas valeu a pena”. “Abençoada pelo Senhor do Amparo, filha única”, em 1971 decide rumar à Alemanha. Para trás, ficava a tia. “Nasci sem pais e fui criada por uma tia, cuidava do gado, depois da manhã na escola.

Aos 33 anos, “sem dinheiro nem vitelo, viúva e com 6 filhos”, fez-se a Düsseldorf, “sem falar uma palavra de alemão”. A emigração portuguesa para a Renânia do Norte-Vestfália tinha começado há uma década atrás e “já lá havia alguns portugueses”.

No Touro a afoiteza de Clara deu “falatório”, mas a vida “sorriu.

O emprego que a espera é na Appel & Frenzel, “para enfrascar pepinos, conservas”. Esteve 10 anos na produção, “a embalar e a fazer paletes”. Depois sai da linha de enfrascamento e “vai fazer as batatas dos trabalhadores”. Da máquina de costura para a cozinha “foi um instante”.

E começa a receber os pedidos de emprego. “Primeiro levei um cunhado, depois todos queriam ir”. O apelo a uma vida “dura, mas confortável”, um bom salário e a fuga a um Portugal ainda tingido de negro, “ditou a sorte. Como podia sustentar os meus filhos?”.

“Era trabalho bem pago, 14 horas por dia, a 3 marcos a hora”. E sempre respondeu. “Nunca fui

na Alemanha”. O trabalho começava “às seis da manhã e acabava às quatro da tarde”. Quando a fábrica de conservas não tinha vagas, era nas gelatarias que se encontrava trabalho.

“Não foi fácil, trabalhei muito”

Foi na Alemanha que casou em segundas núpcias e é lá que regressa, “para ver os netos”.

“Não foi fácil, trabalhei muito”, desabafa. Mas não esconde a alegria quando recorda a homenagem que a fábrica lhe prestou “por 25 anos de trabalho”. O diploma está em casa, encaixilhado e emoldurado. Fotografias também há, e memórias muitas. “Muitas portuguesas casaram com alemães e por lá ficaram”. Com netos a residir na Alemanha, onde trabalham, divide a vida entre o Touro e a Europa Central. “Tenho lá casa e estou sempre a ir e a vir. Gosto muito do país, mas não há nada como a minha aldeia”.

Na rua, cumprimentada por uns e outros, não há quem não lhe agradeça “o empurrão para uma vida melhor”.

“Eram outros tempos e tinha que escolher, se haveria de ir e dar futuro aos meus filhos, ou ficar presa às terras”, remata.

“(…) tinha que escolher, se haveria de ir e dar futuro aos meus filhos, ou ficar presa às terras.”

“Nem abono havia”

**Maria Cândida Salvador,
76 anos, 6 filhos, 12 netos,
3 bisnetos**

“Aqui está-se muito bem”. Aqui é a casa de Maria Cândida Salvador, agricultora, guardadora de memórias. E de histórias.

O ‘Topinho’ é um dos personagens dessas histórias. O “burro que ajudava na jeira, num alforge a panela, no outro um filho e na barriga ia outro”, conta, sem esconder o sorriso, de felicidade.

Para a Nave, “pés nas poldras, filho a sachar pocinha até à sede, água só na Fonte do Forte - a miséria daquele tempo” e lavoura no Ninho D’Aia, a terra que recebeu dos pais.

O pai “deu uma leira a cada filha, as melhores terras”. Num ano centeio, no outro milho.

A vida foi “a trabalhar a leira, arrendavam-se as terras, não se saía sem uma capucha velha e era centeio e milho”. Era para essas terras que saía “manhã cedo, onde passava o dia, na criação de vacas e de porcos”. Da terra vinha o cereal que “haveria de ser amassado e cozido no forno”. E as crianças? “Criaram-se, os tempos eram duros e nem abono havia”.

“Tricotava nas noites grandes, lavrava de dia”, mas o apelo da emigração também a tocou.

Andou “lá fora”, na Alemanha e na França que “a terra dá aborrecimentos, marcações”. Para o bem de todos “aparece sempre o dono e já se aproveitaram”.

Regressada da emigração, entretém-se no correr dos dias com “a horta e o jardim” que tem em volta da casa. “Este ano deu 70 quilos de feijão”. E mais. “Batatas, milho, galinhas, aqui está-se muito bem”.

Até nas Festas do Corpo de Deus, quando “os ganapos vêm por aí roubar os vasos para deixarem na igreja”. Cansada das brincadeiras, um dia escondeu-se na horta. “Quando o rapaz veio, gritei-lhe ‘anda cá agora e ele desata a fugir”. Mas não a incomoda a tradição, que compõe com uma vistosa gargalhada.



**“Tricotava
nas noites
grandes,
lavrava de
dia”**

“Portugal ist frei”

*João Carlos Pires, 84 anos,
4 filhos, 6 netos*

Atravessou o Atlântico Sul por ar e mar, ergueu postes, prepara um livro para deixar os netos e construiu a atual sede da Junta de Freguesia de Touro. A memória é prodigiosa, a escrita rigorosa, a democracia uma certeza, o amor ao Touro uma garantia.

João Carlos Pires parte para o Brasil em 1952, “na primeira viagem do pacote Vera Cruz”

Dez dias e meio de viagem para trabalhar na empresa do tio Baltasar. Uma casa de pneus, onde fez tudo.

O tio leva-o ao Estádio do Maracanã, para ver o Benfica. “O Benfica estreou-se na Taça Intercontinental logo na segunda edição, na primeira mão, a 19 de Setembro de 1962, perdeu 5 com o Pañarol” do Uruguai. Cita a equipa de cor e recorda o segundo jogo.

“Um ano depois, Copa Intercontinental em 1962: Santos 3-2 Benfica”.

A 6 de março de 1965 conhece a mulher, com quem se viria a casar, num regresso a Portugal, em que teve que “esconder o pequeno rádio dos guardas da alfândega”.

Haveria de voltar ao Brasil, por mais 9 meses, mas regressou de avião. Nunca mais voltou ao Brasil, “ficou lá a família”.

Quando voltou, “estranhou o país, as senhoras do Restelo, tudo preso. Ficar e que fazer?”.

Em 1970 já está na Alemanha, “o frio e a neve, calor e frio, nunca imaginei”. É na Alemanha que um colega de trabalho “ouve no rádio e grita: Portugal ist frei”.

Com o 25 de Abril de 1974 regressa a Portugal. “Foi o dia mais feliz da minha vida, sou um democrata de primeira gema”.

A democracia não o fez ficar, voltou a França, “aos contratos. Trabalhei no duro, orgulho-me”.

De regresso a política chama-o e entra na Junta de Freguesia. “Passei por todas as pastas: secretário, tesoureiro, presidente”. Em 1982 perde “por 7 votos”. Mas acaba por liderar a Junta para “melhorar um bocado a terra, o povo estava mais alegre”.

Esteve na Junta que edificou a atual sede. “Juntámos alguns trocos, o Estado ajudou e vendemos umas pedras de granito, que trouxemos da serra, para fazer a obra”.

Não esconde o amor à terra, de memória fina, prepara “um livro para os netos lerem”. Cita filosofia: “o destino, nem sempre se cumpre o que se deseja”. E escreve poesia.

“A minha terra é o Touro, a terra onde nasci, para mim é um tesouro, eu ter nascido aqui”.

Burel, a revista do Touro (magazine da Freguesia do Touro) é uma publicação de informação institucional, semestral, editada e produzido pela Junta de Freguesia do Touro.

Tem âmbito universal, ao servir de veículo de comunicação institucional da Freguesia. Por isso é dirigida pelo Presidente em funções, que tem consultadoria para cumprir com esses desígnios, no respeito pelo pluralismo democrático. E não renega, antes louva e elege, a geografia e as Terras do Demo como pertença.

Queremos dirigir-nos ao conjunto da população, que vive e trabalha na Freguesia, que a ela tem ligações ou por ela sente afinidade, dedicando atenção à informação local, tendo em conta as tradições, a diversidade e a evolução contínua da Freguesia. Progresso com tradição e origem. O conteúdo é definido com profissionalismo, rigor, espírito crítico e honestidade intelectual. O objetivo primacial é divulgar as informações pertinentes para o conhecimento da Freguesia, enquanto local de vivência e usufruto.

Tem edição semestral, sempre dedicada a um tema que integre as vivências da freguesia e que sirva para nos erigir numa identidade comum, a das Gentes do Touro, terra de Boa Sorte, e tem por lema “Terra fértil, gado e caça”, no feliz desígnio do Cônego Fonseca da Gama. Não renegamos quem somos, nem recusamos futuro que não possamos alcançar. Por isso se destina a todos os Tourenses, os que vivem na Freguesia e os da diáspora, os que por cá passam e os que por cá ficam. E os que cá voltam.

**“Em frente, a marcar—
—nos o caminho
do Touro, a branca
capelinha da Senhora
da Boa Passagem,
defronte da Nave,
em cujas dobras
meridionais se
envolvem os povoados
do Touro, por onde
corre o rio Covo”.**

CÓNEGO FONSECA DA GAMA

Adomingueiros
Avesseira
Cerdeira
Lage Gorda
Póvoa
Touro
Viduinho

JUNTA DE FREGUESIA DE TOURO
R. Cónego Alfredo Ferreira Morais Martins
TOURO

E.: freguesiadotouro@hotmail.com
T.: 232 602 304